

Aline Rebecca

A Espera dos primeiros passos

E uma jornada interior multitemporal
de cura, perdão e autodescoberta.



ABarros
editora
Inclusiva

Aline Rebecca

À espera dos primeiros
passos

2ª edição



Catálogo na publicação
Elaborada por Bibliotecária Janaina Ramos –
CRB-8/9166

A411e

Aline Rebecca

À espera dos primeiros passos / Aline
Rebecca; Apresentação de Joelson Souza de
Souza. – 2. ed. – São Paulo: ABarros, 2025.

Livro em PDF

ISBN 978-65-85075-99-2

1. Teoria do autoconhecimento. I. Aline
Rebecca. II. Souza, Joelson Souza de
(Apresentação). III. Título.

CDD

Índice para catálogo sistemático

I. Teoria do autoconhecimento

Dedicatória

Para minha mãe Raquel,
minha irmã Janaina Samara
e meu cunhado Sidnei. Sou
grata pelas vezes que me
ajudaram a carregar a cruz,
dividindo o peso dela
comigo, me dando a
oportunidade de respirar e
descansar.

Este livro é dedicado a
vocês. Obrigada por jamais
desistirem de mim, por
seguirem acreditando que
vale a pena permanecer ao
meu lado.

Com amor, Aline Rebecca

Apresentação

Caro leitor, nas páginas seguintes, você irá mergulhar nos contornos da história de alguém que foi do céu ao inferno, que tinha Deus como seu pai e melhor amigo para alguém que já não acreditava no amor Dele por seus filhos; a fé se tornou uma ilusão tola e sem sentido.

Nesta obra, reabri o baú do passado, um processo árduo, mas foi preciso revisar os escombros da alma para tirar a poeira.

Em alguns momentos, preciso emergir para a cena, explorando motivações e sentimentos das “Alines”

criança e adolescente,
mesclando ficção e
realidade, fazendo-me
presente nas situações,
narrando a história pelo
olhar da menina sonhadora
e também da adolescente ao
rasgar o véu da inocência.
Revivendo emoções
profundas, ora sou a
narradora, ora sou uma
menina de sete anos
querendo ser aceita por uma
escola regular, sonhando em
ser uma advogada de
sucesso, pois sua dificuldade
para falar iria desaparecer
em um passe de mágica;
outras vezes ainda, sou a
adolescente amargurada
vendo a fé de uma maneira
rasa e um tanto distorcida.

Convido você a conhecer as
nuances dessa história
carregada de emoções,
descobertas e redenção.
Convido você a viver a
experiência de enxergar sob
a perspectiva de uma pessoa
com deficiência física que
ama, chora, tem raiva e
questionamentos como
qualquer outro mortal.
Portanto, caro leitor, as
narrativas se misturam em
primeira e terceira pessoa,
já que a arte permite
criações diversas.
Gratidão por ler minha
história.

Com amor, Aline Rebecca de
Almeida

Sumário

Prefácio	10
Agradecimentos.....	13
Ela é assim, um mistério para você e para mim.....	16
Conversando com Deus...	22
Visitando o passado.....	31
Família	38
"A Morte"	51
Primeira série	57
Cicatrizes da fé	65
Tempo	76
Passos firmes.....	79
Uma infância feliz.....	91
Na estação da vida.....	99
Roteirista por um dia	102
O abismo é frio e solitário	113
Prefiro estar do lado de cá	125

Anjos disfarçados de	
humanos.....	135
Fisioterapeutas.....	136
Eu, ele e a poesia.....	147
Amor além do toque	154
Permita-me	159
O que vejo da vida	162
Reencontrando as	
meninas.....	169
Liberdade.....	176

Prefácio

Neste livro, você viajará pelas páginas e descobrirá que todos somos capazes de superar nossos limites, mesmo quando pensamos ter chegado ao extremo.

Você encontrará versões da autora: uma criança tentando descobrir o mundo, enfrentando dificuldades e o medo de não ser aceita na escola devido à sua deficiência. Uma adolescente rebelde, que durante um encontro com Deus em uma bela praia, o questiona sobre o porquê de ter nascido daquela forma. Nestes e em tantos outros momentos, este livro vai te

encantar desde a primeira até a última página.

Sessões de fisioterapia, em que a atuação de profissionais se assemelha a atos angelicais, e o primeiro beijo na escola, ação que desperta preconceitos por parte de seus colegas de classe, revelando a ideia de que cabe a alguém decidir quem tem o direito de amar e ser amado, são alguns relatos que te envolverão com doses de verdade e delicadeza.

Em outros, verá que a hora certa para tomar decisões pode evitar a sensação de total inutilidade e quedas doloridas durante o banho.

Dentre as vitórias que a verá conquistando, está a

escrita deste livro, feito com
muito amor.

Conheça a incrível escritora
Aline Rebecca, nossa
querida Nina!

Joelson Souza de Souza

Agradecimentos

Agradeço a Deus pelo extraordinário milagre de respirar e amar, agradeço por seu amor incondicional, perdão e compaixão que acolhem meu coração.

Agradeço também à minha família, pois sem seu apoio, amor e cuidado, não seria possível concretizar esta obra tão sonhada.

Quero agradecer imensamente à professora Ana Lúcia, que me deu aulas de português durante muitos anos. Em 2023, Deus nos uniu novamente, e eu recebi sua ajuda e incentivo no desenvolvimento desta obra, contando com sua

revisão e ensinamentos ao final dos capítulos.

Agradeço à ABarros Editora Inclusiva por abrir suas portas, acreditando que a inclusão move o mundo, incentivando uma geração de escritores com deficiência, lembrando à humanidade que o sol nasce para todos.

Quero agradecer ao meu amor, Joelson Souza de Souza, pelo apoio incondicional, que aqueceu os escombros da minha alma cansada. Através desse amor singular, Deus me ensinou a me aceitar e a amar meus dias. Meu namorado e eu construímos uma cumplicidade sobrenatural que transcende as

marcações do Universo e
isso me ajudou a florescer
como escritora. Seguimos de
mãos dadas ao longo da
jornada de amadurecimento
e aprendizado na arte de ser
ouvido por meio de palavras
escritas.

Three birds are shown in flight against a white background. They are positioned in the upper half of the page, with one bird on the left, one in the center, and one on the right. They appear to be of the same species, with dark plumage and lighter underparts.

Capítulo um:

Ela é assim, um mistério
para você e para mim



Aline nasceu e morou toda sua vida em uma cidade pequena do estado de São Paulo, vivendo intensamente a magia da infância, desafios da juventude e os traumas da vida adulta.

Nasceu em uma noite chuvosa de agosto, adora ter nascido no oitavo mês do ano, mesmo sabendo que poderia ter tido uma vida completamente diferente se tivesse nascido em setembro, quando a gestação completaria nove meses. Talvez não tivesse sido tão difícil, talvez sua mãe não tivesse perdido tanto sangue e, após o parto, entrado em coma por três dias. Talvez, se fosse em

setembro, a bebê iria chorar ao nascer, o choro levaria oxigênio ao seu cérebro e Aline passaria pela vida não sendo uma pessoa com Paralisia Cerebral e, alguns anos depois, seria só mais uma na multidão, seus passos apressados na bilheteria do metrô, usando calça jeans e blusa de couro, lendo um livro de drama romântico, daqueles que nos fazem chorar já nas primeiras páginas.

Por muito tempo, Aline pensou na ausência daquele choro, que levou a muitas lágrimas de dor, tristeza e solidão, experiências que só uma pessoa com deficiência pode conhecer, sentimentos contraditórios e a eterna

saudade do que nunca viveu, como por exemplo, passar despercebida pelas ruas ou entrar sozinha no ônibus, falando para seus pais por mensagem de texto de um celular que está tudo bem!

Nunca entendi o porquê de Aline gostar de ter nascido em agosto, pois o fato de ter nascido de oito meses foi o que a privou de uma vida sem deficiência física.

Ela é assim, um mistério para você e para mim.

Aline foi uma criança deficiente que amava a Deus sobre todas as coisas e se tornou uma adolescente deficiente, duvidando da Sua existência. Afinal, se existisse mesmo um Deus

bom e justo, quem definiu que ela já viria ao mundo com um corpo incompleto? Será que Aline seria uma pessoa tão ruim assim se ganhasse pernas boas? Talvez uma assassina, mas há assassinas que estiveram na fila de pernas boas.

Por volta dos dezesseis anos, essas perguntas passaram a ecoar nos pensamentos de Aline de forma constante e, por vezes, a sufocavam, tornando-a uma pessoa amargurada e solitária. Por fora, ela era a mesma magrela, com movimentos rígidos e olhar penetrante; por dentro, uma chave havia virado, os dias eram cinzentos, nublados e frios.

A Aline sorridente e falante havia dado lugar a uma outra que encontrava conforto em seu quarto escuro, longe dos olhares das pessoas, longe de todos. Ela tentava fugir dos pensamentos por meio do sono. Quando dormia, Aline podia respirar melhor. Às vezes, sonhava estar correndo descalça, jogando bola na rua sem saída atrás de sua casa, mas ao amanhecer acordava, dentro do mesmo corpo, vivendo sua realidade, tudo igual, tudo cinzento, exatamente igual à noite anterior.

Conversando com Deus

Numa noite qualquer de janeiro de 2010, Aline, já com 22 anos, está sentada na praia olhando as ondas do mar indo e vindo, quando Deus se aproxima, se senta ao seu lado e, olhando fixo para o mar, após um breve silêncio, diz:

— Tenho saudade das nossas conversas, do nosso relacionamento.

— Eu era só uma criança, acreditando que o Senhor se importava com minha dor.

— Retrucou Aline baixinho.

— Se não me importo, por que será que estive lá todas as vezes que ficava triste quando alguma criança ria dos seus movimentos

rígidos no recreio? —
indagou Deus, apertando
um punhado de areia.

— O Senhor podia acabar
com aquele sofrimento
numa fração de segundo e
me olhar com a mesma
compaixão que olhou para
aquelas crianças quando as
fez saudáveis.

— Por que acha que tem
algo de errado contigo?

— Talvez seja porque pareço
um rascunho, que não deu
tempo de me terminar e vim
para esse mundo por
engano! — respondeu Aline,
um tanto amargurada.

— É que o grafite da minha
lapiseira acabou! — disse
Deus, num tom ameno e
sarcástico, tirando o cisco
do olho direito da jovem

revoltada. Nesse momento, Aline revira os olhos e dá de ombros.

— Tenho saudade da menininha grata pela luz do dia! — completou o autor da vida num tom mais sério após um longo suspiro.

— Não me sinto amada pelo Senhor, queria ter um corpo perfeito, ser bonita, ter uma profissão. Queria viver a vida em sua plenitude, eu queria... — Deus se entristecia a cada palavra que ouvia dos lábios de Aline, sentia falta das longas orações que a menina costumava fazer pelas tardes, quando seus irmãos saíam e a casa ficava silenciosa.

— O que você chama de rascunho é uma trajetória linda que escrevi especialmente para você. Sei que muitas vezes se sente só e envergonhada por não usar salto alto, por não conseguir se arrumar sozinha, mas meus propósitos são maiores. Sem querer parecer insensível à sua dor, vaidade por vaidade, tudo é vaidade, Aline. Sua missão é maior que suas dores!

— Mas por que eu? — fala Aline, fitando os próprios pés.

— Por que tanta gente? — insiste Deus, devolvendo a pergunta e aconselhando: — Ame o que você tem, antes que os reveses da vida lhe

ensinem a amar o que perdeu!

Deus, então, dá um beijo carinhoso na testa de Aline, se levanta e caminha em direção ao mar.

Essa conversa na praia foi o último diálogo entre Aline e Deus durante muitos anos.

Aline nasceu numa noite chuvosa de agosto, foi um parto complicado, mãe e filha quase morreram. Após um mês internada, Aline finalmente conheceu sua casa.

Aline teve um desenvolvimento moroso, parecia não responder a qualquer estímulo, nem apresentava interação com os irmãos. Com seis meses de vida, a garotinha não se

sentava, chorava bastante e seu corpo se movia com muita dificuldade. Após muitos exames, veio o diagnóstico: "Paralisia Cerebral".

Tento imaginar o sentimento de pais que ouvem tais palavras, mas sei que jamais conseguirei; não sou mãe, não conheço esse amor sublime. Já quis muito viver a maternidade, hoje percebo que não conseguiria cuidar de outro ser; entendo e aceito que jamais conhecerei tal amor, pois me cuidar já consome todo o tempo.

As primeiras lembranças de Aline longe de casa e dos olhares atentos de sua mãe Raquel a remetem ao

primeiro dia na pré-escola, quando tinha por volta de seis anos. Aline era a mais velha da sua turma, chorou nas primeiras semanas, mas a professora lhe cativou rapidamente. Todos os dias, uma menina da turma olhava Aline nos olhos e com firmeza dizia:

— Sua louca!

A menina não devia ter mais que cinco anos. No recreio, quando Aline estava sentada no chão do pátio, a menina se aproximava e, pisando na mão esquerda da garota magrela apoiada no chão, repetia seu mantra:

— Sua louca!

Fazendo carinho na mão para passar a dor, Aline se perguntava como uma

menina tão pequena podia agir daquela maneira, então passou a apoiar as mãos em seu colo.

A experiência da Aline no pré durou mais ou menos seis meses. Após uma queda no pátio com o andador azul e preto e um ferimento na cabeça, seus pais decidiram que Aline ainda estava muito pequena e frágil para iniciar sua vida escolar.

Só em 1997, após dezenas de entrevistas em escolas excepcionais, nas quais Aline respondia até o que não era perguntado, a menina, então com dez anos, foi aceita por uma escola estadual da sua cidade.

Parecia um sonho sair de casa todos os dias e voltar

contando como haviam sido as aulas.

Aline queria ser advogada e estava realmente feliz por dar um passo para algum dia estar discursando no Tribunal do Júri.

Às vezes, imagino como seria estar com ela, passado e presente juntos num quarto cheio de bonecas...

Visitando o passado

Olho a porta de madeira com desenhos de corações e versículos bíblicos em letras garrafais. Sempre invejei o talento artístico e o capricho da minha irmã, que costumava fazer decorações na porta e paredes do nosso quarto.

Respiro fundo e bato na porta, preparando-me para aquele momento e para as perguntas da garotinha que me aguardava.

Ao vê-la fazendo suas orações, sinto uma imensa saudade daqueles dias que não voltam mais.

— Você demorou muito!
Vem! Fiz um chá para nós duas! — diz minha versão

criança, me guiando até uma das duas camas vermelhas lado a lado no quarto. A cama da Jane ficava perto da janela de madeira que se abria para os dois lados. A cama de Nina (como os primos carinhosamente a apelidaram) ficava na outra parede, de frente para o guarda-roupa de casal vinho com puxadores dourados que minha mãe havia comprado na loja Marabraz anos antes:

— E então, vou estudar? — pergunta minha versão criança, fechando os olhos com força, numa mistura de empolgação e medo da resposta.

— Vai sim, uma escola regular irá te aceitar em breve. — Respondo tomando um chá de mentirinha, numa xícara minúscula de plástico cinza claro. Não conto das incontáveis reuniões que a mamãe terá que fazer na Delegacia de Ensino para isso acontecer.

— Sabia que ia dar certo! — responde minha versão criança, que completa dizendo:

— Serei uma grande advogada! Vou fazer longos discursos nos tribunais e convencer os jurados da inocência do meu cliente.

Tenho vontade de falar que a dificuldade em se expressar e os espasmos irão aumentar com o passar

dos anos, e que discursar no Tribunal do Júri estará fora de cogitação, mas fui impedida pelo brilho no olhar da garotinha.

— Devagar, mocinha, um passo de cada vez. — Falo, colocando açúcar imaginário no chá.

— Vou ter amigos?

— Vai, sim.

— Vou conseguir ficar sem a mamãe? — insiste.

— Não será fácil, mas irá se acostumar, afinal, ninguém discursa no Tribunal do Júri com a mãe ao lado, não é? — Falo sem pensar direito e logo me arrependo de voltar ao assunto.

— Um passo de cada vez.— Ela retruca, usando minhas palavras.

Por um momento tenho vontade de que ela não cresça, não entenda, não descubra, não...

— Não tenha pressa de crescer, mocinha! Irá perder algumas coisas ao longo do caminho. — Replicando meus pensamentos, esquecendo por um instante que estou diante de uma garotinha de oito aninhos.

— O que vou perder? — pergunta minha versão criança, espantada.

— Irá perder sua fé e comunhão com Deus. — Falo meio que por impulso.

— Isso não faz sentido, a fé é tudo que tenho! — ela comenta, desacreditando.

— Bom, um dia será a fé que não lhe fará muito

sentido! — Retruco sem me importar em poupar a garotinha, mas logo retomo o bom senso e falo, torcendo para dar certo. — Ou você pode ir para o futuro e fazer a Aline adolescente recobrar o sentido da fé e da comunhão com Cristo.

— É! Boa ideia! Vou fazer isso pela manhã!

— Vem cá! Vou cantar para você dormir!

Canto o hino 304 da Harpa Cristã favorita da menina, "A FACE DOURADA DE JESUS". Acho que é o predileto porque fala do céu e da liberdade, que a menina tanto almeja.

Quando canto o refrão pela segunda vez...

A face adorada de Jesus
verei

Com a grei amada, no céu
estarei

Na mansão dourada, hinos
vou cantar

A Jesus, minha luz, que me
quis salvar...

... ela adormece segurando
minha mão sobre seu
coração.

Three birds are shown in flight against a white background. They are positioned in the upper half of the page, with one bird on the left, one in the center, and one on the right. They appear to be of the same species, with dark plumage and lighter underparts.

Capítulo dois:

Família

Two birds are shown in flight against a white background. One bird is on the right side of the page, and the other is on the left side. They are both in a similar pose, with wings spread and tails visible.

Somos em quatro irmãos, duas meninas e dois meninos: Paulo, Marcos, Janaina e Aline. Os meninos são do primeiro casamento da minha mãe, a Jane e eu, do segundo. Nunca gostei do termo "meio-irmão". Para mim, esse termo remete à metade e jamais os vi assim. O Marcos sempre foi meu melhor amigo; embora existissem nove anos de diferença entre nós, ele sabia tudo sobre mim. Me levava na cacunda para a locadora e também ao mercado; lá comprávamos salgadinhos e Coca-Cola, e na hora do filme, optávamos por assistir primeiro ao gênero que nos unia, a comédia, apesar de meu

favorito ser o drama e o dele, terror. Às vezes eu tomava coragem e assistia terror, só para mostrar para o Marcos que eu estava crescendo.

Em geral, a Paralisia Cerebral me afasta das pessoas, mas definitivamente isso nunca foi uma verdade quando se tratava do Marcos.

Acho que a deficiência até nos unia em alguns momentos, como quando comecei a dar meus primeiros passos sem o andador, por volta dos doze anos de idade. O Marcos desenhava circuitos com pedaços de tijolo no chão do quintal para que eu pudesse pisar dentro do círculo

laranja, primeiro um pé depois o outro. Ficávamos radiantes quando o pé se encaixava dentro do círculo, mas quando me desequilibrava, simulando uma queda, os braços do Marcos estavam lá para mim; como sempre estiveram.

Aline foi a quarta gestação de sua mãe; o útero estava fraco, as ameaças de aborto espontâneo começaram no sexto mês, mesmo com repouso absoluto e todos os cuidados, a gravidez difícil e delicada seguiu apenas por oito meses.

Numa noite gelada de agosto, ela nasceu. Foi uma cesariana complicada, sua mãe perdeu muito sangue e

entrou em coma. A bebê não chorou e, acreditando que a menina de 38 centímetros não veria a luz do dia, a equipe médica impediu o pai, o sargento Adalberto Cardoso, de vê-la, fazendo com que ele permanecesse no corredor do Hospital da Santa Casa, longe de sua esposa e de sua filha, que cabia facilmente numa caixa de sapato.

Depois de três dias em coma, sua mãe enfim a conheceu, em uma incubadora, lutando pela vida. Assim se seguiu durante aquele mês.

Passados dez dias de internação, Raquel recebeu alta médica, mas continuou indo todos os dias ao

hospital para vê-la, embora não pudesse alimentá-la.

Ao chegar em casa com um mês de vida, o pai de Aline pediu a uma vizinha que a alimentasse, pois o leite da sua esposa Raquel havia secado durante a espera do bebê, que era alimentado por uma sonda, numa sala fria de UTI. Tendo a filha caçula nos braços, o casal jamais imaginou o que estava por vir.

Começava ali a descoberta de um mundo até então desconhecido.

Minha família passaria a ver a deficiência física fazendo parte de sua história.

Há trinta anos, o exame do pezinho não era obrigatório.

Raquel e Adalberto saíram da maternidade acreditando que o momento mais crítico havia ficado para trás, mas o tempo foi passando e o desenvolvimento da menina não avançava. Aos três anos, não se sentava, não falava, nem ao menos conseguia interagir com outras crianças.

A busca pelo diagnóstico foi uma saga árdua e dolorosa. Quando estava com quatro anos e meio, finalmente foi diagnosticada com Paralisia Cerebral, provocada principalmente pela ausência do choro espontâneo ao nascer. Ironicamente, a ausência daquele primeiro choro provocou todos os outros.

Nas memórias de Aline, não há um único choro que não tivesse a ver com a deficiência física. Ser diferente dói, não ter todas as funções do seu corpo dói, preconceito dói, é uma dor permanente e quase física. Seu pai a levou ao melhor neurologista de São Paulo, acreditando haver uma chance de a menina se curar.

Faço sinal para a garotinha nos braços da mãe não fazer menção à minha presença no consultório do neurologista, que permaneceu em silêncio absoluto analisando o eletroencefalograma ao qual a menina havia sido

submetida na semana anterior.

Com um ar sério, o Doutor Giribola, neurologista famoso e experiente, finalmente rompeu o silêncio dizendo:

— Pai, eu não quero te deixar preocupado, mas crianças assim como sua filha só vivem até uns treze anos!

Nesse momento, a garotinha de seis anos fitou seu pai, perguntando:

— Então eu vou morrer cedo, pai?

Aline sempre foi madura. Acho que isso se deve ao fato de estar sempre com adultos.

— Claro que não, filha! Esse médico está doido, não sabe

o que fala. Deus que sabe até quando vamos viver nesse mundo! — replicou o pai nervoso.

O médico ficou desconcertado ao ver o nível de consciência da garotinha que, àquela altura, já estava vendo a Morte com sua foice no fundo do escritório cantarolando:

"Em poucos anos, voltarei pra te buscar e no cemitério comigo irá morar..."

Aline tinha na imaginação uma espécie de fuga, mas ver a morte cantando foi um pouco assustador.

— Pare com isso! — falei, fazendo a garotinha sair do mundo de fantasia e a imagem da Morte foi se evaporando rapidamente.

— Não pode falar isso perto de uma criança — disse o pai, levantando-se da cadeira, caminhando em direção à porta do consultório.

— Não vou cobrar a consulta do senhor, só aconselho que aceite a realidade da sua filha.

O pai caminhou depressa para o carro com Aline em seus braços, a mãe de Aline permaneceu em silêncio ao lado do esposo e da filha caçula.

Naquela noite, deitada na cama, Aline me disse que não tinha medo da morte, que queria viver um monte de coisas, mas tudo bem também estar perto de Deus no céu.

*Fiquei passando a mão em
seus cabelos, me
perguntando o que havia
mudado dentro de mim na
adolescência, o que me fez
desistir da fé e até duvidar
da existência de Deus?*

A garotinha ficou em
silêncio com o olhar
distante, porém sem
qualquer traço de tristeza
pelo que ouvira horas atrás.

*Eu fiquei pensando na
morte e escrevi uma poesia
que costuma vir à memória
quando me despeço de
alguém que amo, quando
vejo o corpo sem vida e sei
que restará somente
lembranças. Fiquei
pensando na vulnerabilidade
da vida, nos momentos de
despedida que vivemos, sem*

*saber que eram despedidas,
que o "Até logo", pelo menos
nesse plano, se tornou um
doloroso "Nunca mais".*

"A Morte"

Todos nos encontraremos
com ela,
quando o destino não
revela,
mas para encontrá-la não
temos pressa.

Vivemos lembrando que
numa curva qualquer
a danada nos espera,
eis o trabalho dela.
Colocar pontos finais em
curvas,
colocar um "Adeus" naquele
corriqueiro "até logo".

O "até mais" em "nunca
mais".

A data do fatídico encontro
não sabemos,
nem o que sentiremos
quando a revermos.

A única certeza que temos é
a saudade que deixaremos
nos corações de quem
amamos, da falta que iremos
fazer nos almoços de família.
Sabemos com certeza que o
tempo irá passar e a dor
aliviar.

Deus irá nossa família
confortar,
dizendo que precisávamos
descansar,
sob a brisa do mar estar.
O bom Deus dirá baixinho
que precisam seguir sem
mim,
pois estão no plano das
criaturas
e eu estou no plano do
criador.
Não choro mais!!

Minha avó Patrocínia conta que tinha o desejo de ter uma família grande, pedindo a Deus que pudesse gerar muitos filhos, e seu desejo foi atendido. Minha mãe, Raquel de Almeida, é a primeira de sete mulheres; meu tio Elias, o primeiro de oito homens, totalizando quinze filhos e mais de cinquenta netos. Meu avô ensinou a profissão de padeiro para todos os filhos e netos. Muitos mudaram de profissão no meio do caminho. Meu irmão Marcos se especializou em confeitaria, já o Paulo decidiu ser dono do próprio negócio, abrindo uma adega.

*Os dois se tornaram
homens honrados e
batalhadores.*

*Com o Paulo, aprendi a
acompanhar a história do
rock, a gostar do Legião
Urbana. Aos onze anos,
insisti para ele me contar a
história da música 'Faroeste
Caboclo'. Não entendia
muito bem, ele me explicou
estrofe por estrofe, ouvimos
muitas vezes juntos, sempre
amei a voz do Renato. Hoje,
gosto de escrever poemas de
madrugada, quando a casa
fica completamente
silenciosa e coloco Legião
Urbana no Spotify. Os
sentimentos parecem
ganhar forma, o turbilhão
de emoções simplesmente se
acalma. Gosto de como o*

Renato via as relações e o amor. O Paulo também me fez decorar o hino do Tricolor, quando o irritei cantarolando o hino do Corinthians como se fosse torcedor do timão.

Meu pai é corintiano, sou são-paulina, por influência dos meus irmãos.

Fui ao estádio com os meninos uma vez. O Paulo convenceu minha mãe de que era seguro. Fomos à Arena de Barueri e vibramos ao ver o centésimo gol do Rogério Ceni. Estávamos presentes naquele momento histórico, nos abraçamos, gritando como loucos. Jamais me esquecerei daquele abraço.

*O Tricolor fez bonito! 2 a 1
na cobrança de falta.*

*Torcemos muito para aquele
gol acontecer. Foi um jogo
espetacular, um dia
memorável com meus
irmãos.*



Capítulo três:

Primeira série



Aline estava em êxtase no primeiro dia de aula da primeira série, em uma escola estadual da sua cidade. Parecia um sonho sair de casa todas as tardes, ver as ruas no colo do Marcos... realmente estava acontecendo, Aline era uma estudante, sabia que não agradaria a todos, que sua presença não seria bem-vista por todos os alunos, mas com certeza não daria chance para pisarem em sua mão com um tênis pesado de novo.

Aline fez muitos amigos e viu que o mundo era maior que as paredes de sua casa, se sentia responsável por si mesma. Enfim, Aline pode se socializar e os meses se

seguiram sem qualquer interferência, porém, a direção teve dúvidas em relação à capacidade de aprendizado da garotinha com paralisia cerebral, que aos dez anos iniciava sua vida escolar.

Por esta razão, no meio do mesmo ano, Raquel, que estava com 51 anos de idade, foi convocada pela direção e aconselhada a colocar sua filha caçula em uma escola especial, pois não teria condições de acompanhar as matérias.

Confusa, Raquel levou sua filha caçula para entrevistas em escolas de educação especial, onde, depois de a menina responder todas as perguntas com exatidão,

mostrando seu nível de consciência, ficou claro que tão pouco ali era seu lugar. Cansados da relutância da direção com a permanência de Aline na escola regular, seus pais decidiram ir para outro município, onde, além de uma educação de qualidade, Aline teria a oportunidade de fazer tratamento com uma equipe de profissionais, em uma clínica de reabilitação com fisioterapia, hidroterapia, equoterapia e fonoaudiologia, *uma oportunidade que jamais havia tido em nossa cidade. Meus pais alugaram nossa casa própria e, com o dinheiro, pagávamos o*

aluguel de uma residência próxima ao centro.

Não senti qualquer resistência da direção em relação a mim, pelo contrário, me senti acolhida e amada desde o primeiro momento, isso me motivou a ter dedicação e foco. Eu não precisava provar que podia estar ali, era só uma aluna com obrigações e direitos, tinha direito à minha carteira, ao ensino, a passar de ano e a ter sonhos. Era maravilhosamente estranha a sensação de ser uma pessoa comum. Enfim, entendi que meu lugar era em qualquer lugar, pensei aos dez anos, achei que minha luta por espaço tinha

acabado... Pode acreditar,
Aline realmente achou...

Um dos momentos em que
Aline sentia falta de ter um
corpo perfeito, com certeza,
era no início do ano, quando
sua mãe ia com a Jane
comprar o material escolar.
Raramente a menina
conseguia participar das
compras.

— As lojas estão um
formigueiro! — dizia sua
mãe, ao ver no espelho o
olhar pidão da filha caçula,
enquanto a via se arrumar
para sair, e completava:

— Fica assistindo filme com
seu pai! Estou levando sua
lista, volto rapidinho!

Aline mal conseguia prestar
atenção no filme, ficava
imaginando a mãe e a irmã

escolhendo cada item da lista. A vontade era se teletransportar e estar com elas, escolhendo o caderno, a borracha, o estojo...

Naquelas horas, ela sentia uma falta danada de andar, queria desesperadamente estar naquele "formigueiro".

Ficava contando os minutos no relógio até ouvir o barulho do cadeado do portão e os passos delas pelo quintal, então, as irmãs abriam juntas as sacolas transparentes do bazar popular, logo se desenhava um largo sorriso no rosto da menina que, àquela altura, já havia se esquecido que não pôde ir escolher seu material escolar. No coração de Aline, a dor sempre foi

passageira, até que um dia,
nunca mais passou.

Three birds, possibly terns, are shown in flight against a white background. They have dark plumage with lighter, possibly white, underparts and long, pointed wings. One bird is in the upper left, another in the upper center, and a third in the lower right of the top section.

Capítulo quatro:

Cicatrizes da fé

Two birds, similar to the ones in the top section, are shown in flight. One is on the right side of the page, and the other is on the left side, lower down. They are captured in various stages of their wing strokes.

De tempos em tempos, o pai de Aline falava que Deus tinha o poder de curá-la a qualquer momento; eles compartilhavam essa esperança. Já a mãe sempre foi mais racional, pedia para a menina se dedicar nas sessões de fisioterapia, andar com o andador no quintal para treinar a marcha e adquirir equilíbrio. Imaginar Deus a curando num passe de mágica no meio da noite lhe parecia mais atraente do que dar voltas e voltas no quintal para ter algum equilíbrio.

Seu pai a levava em campanhas em diferentes denominações religiosas e ouvia diversas promessas de

que Deus iria curar sua filha caçula. Também havia várias "receitas" que poderiam acelerar o processo de cura, como tomar banho de cebo de carneiro e ficar três dias sem tomar banho.

"Não vai rolar, não, pai" — a menina dizia baixinho no seu ouvido, torcendo para ele não acreditar que um banho de cebo de animal iria curá-la. Certa vez, foram convidados por um amigo da família para participar de uma campanha em uma igreja; era um mistério pequeno com poucos membros. Ouviram que o pregador era um ex-presidiário e fazia milagres. Os dois sonhadores ficaram animados e foram à tal

"campanha do milagre". No meio do culto, a menina foi chamada à frente pelo homem que exibia a barriga deformada por ter recebido dezenas de tiros em uma perseguição policial. Minha versão criança se perguntou por que ele não curava a própria barriga, ao invés de segurar o saquinho de xixi como se fosse um troféu. Mas rapidamente tentou afastar aquele pensamento espontâneo que ecoava em sua mente, desejando que Deus não tivesse ouvido aquela consideração horrível.

Seu pai a colocou em pé na frente do púlpito e ficou orando favoravelmente ao seu lado. O pregador pediu

para os irmãos levantarem as mãos; ouvia-se um coro de Aleluia! Glória a Deus! E o espetáculo começou...

Com sua mão pesando na cabeça da menina que firmava as pernas para não cair, o ex-presidiário seguia gritando no microfone, dizendo:

— Demônio da Paralisia, sai agora dessa moça! — Seu grito estridente ecoava por todo o salão.

Com apenas sete anos de idade, a garotinha pensou...

"A Paralisia me irrita, mas não chega a ser um demônio."

Ele continuava empurrando sua cabeça, cuspendo e esbravejando:

— Te ordeno, demônio, sai agora!

Quanto mais ele empurrava sua cabeça, forçando uma queda, mais a menina endurecia o corpo.

— Pode esquecer, não vou cair! — Pensava rápido antes de se concentrar novamente na dor. A coluna ardia, seu pescoço doía demais com aquelas mãos o impulsionando para baixo e os pingos de cuspe caíam em sua testa; eram minutos que pareciam horas.

Os dias da campanha se seguiram e só em ver o ex-presidiário cristão, a coluna da menina começava a doer. Por mais que quisesse acreditar em milagres, aquele espetáculo era

caricato demais. Cada vez que chegavam em casa do culto, parecia que a garotinha tinha levado uma surra.

Eu me encontro com a Aline se arrumando para ir a mais um dia de campanha.

— Já viu quantos paralíticos sendo curados? — Falo um tanto irritada.

— Sabe que não vi ninguém ser curado — replica a garotinha depois de respirar fundo.

— Talvez esteja na hora de parar com essas campanhas!

— falo com firmeza.

— O papai tem fé, preciso ter também.

— Tudo bem, só coloca um boné para a sessão cuspideira!

— *Jesus também cuspiu no barro para curar o cego.*

— *Em primeiro lugar, Ele não cuspiu diretamente no cego e, em segundo lugar, o cuspe de Jesus era limpinho! Esboçando um sorriso amarelo, a menina deu a resposta que precisava, dizendo:*

— *Não quero mais ir, sinto muita dor na coluna.*

— *Você tem que falar isso para o pai.*

— *Mas é um ato de fé.*

— *Você não precisa disso, se for para Deus lhe curar, Ele vai te encontrar onde estiver. — Falei, tentando não parecer tão irritada.*

Estávamos no quarto, minha versão criança colocava o tênis. Quando

seu pai a chamou para sair,
a garotinha foi repetindo
minhas palavras com
riqueza de detalhes e
completou dizendo:

— Até mesmo se eu estiver
dormindo, Deus pode me
curar.

Naquele momento, ouvimos
a mãe gritando lá da
cozinha:

— Se a menina não quer ir,
deixa ela, Beto.

— Mas filha, campanha não
pode ser interrompida! —
argumentou o pai, tentando
não parecer frustrado.

— Não vou mais! A Paralisia
não é demônio para ser
expulsa!

O pai ficou em silêncio por
alguns minutos, depois saiu
com o carro.

Naquela noite, Aline dormiu tranquila por saber que o espetáculo vergonhoso havia ficado para trás. Com o tempo, seu pai entendeu que a cura não viria em meio a berros e tampouco em meio à dor e vexame.

Aline nunca se decepcionou com a igreja por causa dos momentos vergonhosos que homens a submeteram dentro da casa de Deus, no lugar onde deveria ser acolhida e amada, sempre ocorreram episódios, fatos isolados, de “meninos na fé”. Uma vez, em um culto de uma determinada denominação, o pastor apontou o dedo em sua direção, dizendo:

— Olha isso aqui! Como
você aceita isso aqui? —
Houve um silêncio
constrangedor, Aline
engoliu o choro, abaixando
a cabeça; naquele momento
ela desejou desaparecer. Ao
término do culto, foi
empurrando cadeira de
plástico como se fosse um
andador, até o lado de fora
da igreja, e ficou esperando
sua família, olhando para o
céu, não piscou, evitando
que a lágrima rolasse no
rosto, permaneceu alguns
instantes se perguntando:
— Se passo por algo assim
na casa de Deus, o que esse
mundo me reserva?

Three birds, possibly terns, are shown in flight against a white background. They have dark wings and bodies with a lighter, possibly white, underside. Their wings are spread wide, and they appear to be moving upwards and to the right.

Capítulo cinco:

Tempo



Tempo

Bem me quer
Mal me quer
Não sei ao certo quem és
Hora gentil, tomando
lembranças ruins, um
borrão
Hora me traz momentos que
machucam de montão
Às vezes, mocinho, outras
vezes, um perverso vilão
É tudo que sei da nossa
relação
Me acostumei com você, me
ferindo, me curando
Seu rosto é abstrato,
contigo é impossível fazer
contato
Hoje não sei se irá me
acalentar
Ou me maltratar
Mas peço seu colo

Esperando que hoje seja
gentil

Por favor, seja gentil

Desbotando lembranças
dolorosas que você me
trouxe

Pois há algo que nem
mesmo você pode fazer,
devolver a inocência que me
tirou



Capítulo seis:

Passos firmes



O coração de Aline era invadido por um sentimento de otimismo e esperança sempre que estava na clínica de reabilitação; aquele lugar lhe trazia paz. O verde imperava no espaço externo, havia muitas árvores e a terra ficava coberta de folhas secas no outono.

A Jane esperava terminar as sessões de fisioterapia, hidroterapia e fonoaudiologia, um pouco mais de meia hora em cada sessão.

Na clínica havia um sistema de rodízio de estagiários de fisioterapia; de mês a mês o grupo mudava, por isso, deixei de lado meu corriqueiro costume de me apegar aos jovens

estudantes. Uma vez, um rapaz foi escalado para entrar comigo na piscina. Tentando ser o mais amável possível, falei:

— Me desculpe, mas me sinto mais confortável entrando com uma menina. Eu me senti uma bobona, mas era melhor do que dizer:

— Sou tão atrapalhada que qualquer coisa pode acontecer, inclusive a alça do maiô ficar caindo de três em três minutos.

A jovem estagiária estava sem o maiô dela, então, Aline acabou entrando com o rapaz. Ele era tão divertido e, antes mesmo de sair da piscina, Aline estava

arrependida de abrir o
bocão.

Já com a fonoaudióloga, não era tão divertido; a sensação de ter o dedo de alguém na boca era terrível, o cheiro de plástico das luvas a deixava enjoada, balançando as pernas na ânsia de aquele momento passar logo, pois se sentia mal por babar na mão da doutora, mas só anos depois, já adolescente, Aline consegue descrever o que sentia na sala de fonoaudiologia: medo da pessoa a sua frente ter nojo dela.

Aline tem lembranças de internações com outros pacientes; em sua memória há apenas uma imagem nítida de um rapaz imóvel

no colo de sua mãe. Aline fazia carinho em seus cabelos e jamais o viu esboçar qualquer reação; parecia um boneco gigante, permanecia imóvel o tempo todo.

Aline sentia uma profunda tristeza ao supor que aquele menino iria passar pela vida, deitado, com o olhar distante, vivendo no mais absoluto silêncio. Ela nunca se esqueceu daquele olhar.

Na clínica também havia tratamento com equoterapia; bastava ver o cavalo Kam caminhando lentamente em sua direção para um largo sorriso se desenhar em seu rosto.

O Fernando era um fisioterapeuta experiente e

filho do dono da clínica. Ele montava no Kam e ajudava o Zé a me colocar na sua frente. O Zé seguia a pé, guiando o Kam.

O sol refletia nos nossos rostos e nos primeiros 15 minutos da sessão, eu ficava contando piadas para o Fernando e rindo com ele. Era o momento de deixar as tristezas de lado e ser criança de novo. Como ríamos juntos!

De tempos em tempos, o Zé olhava para trás, sorrindo das palhaçadas da menina. Era bom conseguir vê-los sorrir. Já nos momentos finais da sessão, o Fernando descia e Aline se deitava de bruços sobre o cavalo, com um braço caindo para cada

lado, tendo o silêncio pairando sobre todo o campo, sendo interrompido apenas pelos passos firmes do Kam. Naqueles momentos, mistos de paz e felicidade a invadiam e ficava imaginando como sua vida mudaria drasticamente, se encontrasse a cura para Paralisia Cerebral.

Ali, sentindo o sol em suas costas, ouvindo os passos do Kam sobre a terra, não havia como não achar que a vida era gentil.

Em uma tarde chuvosa de março, Aline estava sentada na cama elástica da sala de fisioterapia, balançando as pernas para frente e para trás. Eu me aproximo devagar, nunca sei muito

bem o que dizer quando ela está triste. A reunião entre os pais e os donos da clínica acontecia na sala ao lado. A clínica estava se mudando para o interior de São Paulo, era o fim de um tempo feliz e a garotinha sabia disso.

— Lembra quando ganhei um sanduíche por acertar a bola na boca do palhaço pintado na entrada?

— Lembro sim, você mereceu.

— Os pais estão muito tristes, tomara que encontrem outro lugar tão bom quanto este aqui — disse à minha versão criança, tentando não parecer tão triste.

Aline nunca mais encontrou uma clínica tão completa

como aquela e naquele momento senti uma profunda tristeza por saber que a menina teve um tratamento intenso que jamais aconteceria de novo, ao menos não da mesma forma.

— Mas não do Kam! — disse a menina, coçando o cotovelo esquerdo.

— O que disse, Nina?

— Não vou me despedir do Kam!

A família de Aline enfrentava um dos momentos mais desafiadores na área financeira. O pai, seu Adalberto, que estava com 51 anos, tinha quebrado a perna havia alguns meses e não estava conseguindo receber da

Caixa. Pela primeira vez, Aline sentia vontade de comer alguma coisa e não podia comprar. Então, seus pais decidiram voltar para a antiga cidade, pois não estava compensando pagar aluguel em uma região de custo de vida alto para Aline ter direito a algo que deveria ser um direito em qualquer lugar.

Poucos dias depois de a clínica se mudar para o interior de São Paulo, Aline e sua família voltaram para sua antiga cidade. A menina levava consigo a lembrança de uma professora que a acolheu e uma pasta cheia de trabalhos e provas com ótimas notas, descartando completamente qualquer

dúvida sobre sua capacidade de aprendizado.

Não foi difícil para Aline voltar à antiga escola; ela ficou feliz em ver os amigos e deixou de lado a visão da direção sobre sua permanência na escola estadual. Seus professores ficaram admirados com o progresso que havia feito. Alguns meses depois, Aline estava lendo perfeitamente; seus pais choraram de emoção ao ouvir a filha caçula lendo pela primeira vez.

Aline concluiu a terceira e quarta séries sem maiores interferências, fez Saresp com ajuda de uma professora auxiliar designada pelo governo e

atingiu uma pontuação excelente. Aos onze anos de idade, Aline iniciou a quinta série, na escola da rua de cima de sua casa, onde jamais enfrentou qualquer resistência em relação à sua presença na sala de aula.

Uma infância feliz

Passávamos as férias na casa dos meus avós; minha mãe se reunia com as irmãs para fazer campanha de oração, não buscavam milagres, mas alicerçar a fé em Deus e a união entre elas.

Eu passava o dia inteiro brincando com meus primos no quintal; gostávamos de jogar de polícia e ladrão, gritando enlouquecidos pelo espaço, embora o momento mais esperado por mim fosse ver o tio Jesé virando a esquina com seu saco de pães, depois de mais um dia de trabalho na padaria do bairro. Nossa diferença de idade de quase dez anos

jamais interferiu em nossa amizade e conexão.

Costumávamos pegar escovas de cabelo da vó Patrocínia, fazendo de conta que eram nossos microfones, colocávamos os hinos da banda Oficina G3 no rádio e cantávamos em cima do sofá. Nós dois ficávamos horas cantando juntamente com os integrantes daquela banda, aumentando o volume, até a vó nos dar a primeira bronca.

Eram dias muito felizes, o tio Jesé me deu as melhores referências musicais do mundo Gospel, me apresentou o grupo 'Voz da verdade', entre outras

bandas de sucesso nos anos 90.

Sou imensamente grata aos meus tios por terem me dado uma infância feliz, por terem me ensinado a me jogar nos braços da imaginação. Com certeza, foi o que fez de mim essa sonhadora incorrigível.

Minha mãe sempre foi unida com suas irmãs, mas com a tia Ana havia uma cumplicidade maior; a fé as unia e, modestamente, eu e a Agatha também.

Esta minha prima é apenas três anos mais nova que eu; sou a caçula de quatro irmãos, ela, a primogênita de quatro irmãos, duas meninas e dois meninos. Agatha tem diagnóstico de

microcefalia, microftalmia,
transtorno do espectro
autista, deficiência
intelectual e esquizofrenia
moderada. Passei toda a
minha vida desejando ver o
abismo do distanciamento
diminuir um centímetro que
fosse, sonhando em
estarmos por um momento
na mesma realidade, sermos
mais que primas. Cresci
vendo as nossas mães
trocando experiências e
compartilhando
sentimentos; eu sigo
imaginando como seria ter
essa cumplicidade com a
Agatha. Sempre estive com
ela, sentindo falta dela, falta
das conversas que nunca
tivemos.

Minha prima sempre estará distante, distante demais de mim.

Uma lembrança marcante que tenho da infância é a de estar em festas de aniversário, vendo meus primos correndo, brincando e eu ali, sentada ao lado da Agatha, que pedia coxinha e refrigerante, sem se dar conta da nossa realidade.

Sentia-me presa em meu corpo, a tristeza logo se transformava em uma dor aguda no peito, era um daqueles momentos em que mais sentia falta de ter um corpo perfeito, perguntando-me qual de nós duas tivera mais sorte, ou se preferir, menos azar. Por vezes desejei não entender o

que estava acontecendo ao meu redor; de algum modo, sentia que a Agatha tinha sido poupada daquele contraste. Imaginava que seu mundo de "fantasia" era menos solitário do que o mundo real em que eu vivia. A cada beijo carinhoso que recebia daqueles que amo, a dor ia passando lentamente e, antes que percebesse, lá estava eu me deliciando com as coxinhas e completamente grata por estar com minha família e por ter minha prima ao meu lado. Mesmo vivendo em um universo distante, ela estava ali, ela sempre esteve comigo.

Por fim, em um rompante de lucidez, me dava conta de

como era bom ver o sorriso dos meus tios, gostava das conversas, das brincadeiras, acabava percebendo que a Agatha tinha aproveitado a festa muito mais que eu, percebia também que a dor é pequena perto da gratidão.

Certa vez, Agatha estava ouvindo o hino 'Projeto no deserto' do grupo Voz da Verdade. A música tinha um ritmo rápido e envolvente; sem pensar direito, eu a tirei para dançar. Não sabia muito bem se ela iria gostar da brincadeira, mas minha essência “bagunceira” me impulsionei.

A tia Ana me ajudou a segurar em seus braços, sorrimos e dançamos, foi incrível, o momento durou

alguns segundos, mas
levarei eternamente comigo
essa lembrança que está
gravada em minha mente e
coração.

Na estação da vida

No banco da estação fico
então

Sempre à espera de emoção
Vejo passageiros chegarem
e também irem

Entre um trem e outro, eles
permanecem alguns
minutos comigo e os chamo
de amigos

São apenas minutos, logo o
trem se aproxima

Na despedida tem beijo,
abraço ou um aperto de mão
Esse é o compasso da minha
vida

O coração aprende a ser
forte, aprende a se despedir
Pois sabe que os
passageiros precisam seguir
rumo ao seu destino

E sentado no banco
permaneço sozinho,
É difícil esse caminho
Sei que o trem é o objetivo,
alguns encontros poderiam
durar um pouco mais
Quem sabe a eternidade, às
vezes, tenho essa vontade
No banco da estação vou
ficar, aqui é meu lugar,
onde preciso ficar
Espero pelo próximo
passageiro, será que irá
sorrir para mim?
Prefiro que aconteça assim
Embora, tenha aprendido a
ser ignorado
Vou seguindo,
contemplando a agitação da
estação
Pois pressa não posso ter,
sigo minha jornada, então.

Vejo placas indicando o
destino, decisões trilhando
os caminhos

Confesso, o som dos trilhos
me traz agitação,
inquietação e apreensão.

Será que meu trem também
chegará para me levar?

Ou a estação sempre será
meu lar?

Seja como for, meu destino
vou aceitar

Pois com ele, já cansei de
lutar

Na vontade de Deus, vou
eternamente me agarrar



Capítulo sete:

Roteirista por um dia



Quando completou quinze anos, Aline estava cursando o primeiro ano do ensino médio.

Em sua festa de aniversário, a menina tentou ser forte, dando atenção aos convidados, escondendo sua tristeza. Sabia que o casamento de seus pais estava prestes a acabar e, desta vez, de forma definitiva. Ficou perto dos tios, deixando as conversas tomarem o espaço, enquanto aproveitava para respirar e engolir o choro.

Ela tentava pensar em coisas boas, se imaginou entrando na igreja de braços dados com o Marcos no dia do casamento da Jane, que seria em poucos meses, mas

era difícil ter as atenções voltadas para si, quando tudo que queria era seu quarto escuro e chorar.

Aline conseguiu convencer sua mãe a deixá-la tentar tomar banho sozinha naquela semana. Ela queria sentir a sensação de estar só no banheiro, mas uma queda mostrou que ainda não era o momento. A adolescente escorregou na espuma espalhada pelo azulejo cinza, tentou se equilibrar segurando na cadeira de plástico, mas foi direto para o chão. A cadeira virou e caiu em cima de Aline. Pela primeira vez, a menina se sentiu uma completa inútil e teve medo de nunca conseguir tomar

banho sem ter a mãe ou a irmã lhe auxiliando. A menina não foi repreendida pela teimosia, afinal, já tinha pago o preço por ela, pois, além do susto, ficou com dor no corpo durante dias.

A Jane se casou no finalzinho de novembro de 2004, foi uma cerimônia linda. Aline foi uma das madrinhas, entrou na igreja de braços dados com o Marcos. Muitos disseram que a menina iria cair e passar vergonha, falaram para a menina desistir, porém a Jane e o Marcos não desistiram, então, Aline também decidiu não abrir mão. Ensaaiavam incansavelmente todos os

dias nas semanas que antecederam a cerimônia.

— Calma, estou aqui! — Marcos dizia baixinho enquanto percorriam o tapete vermelho. Aline não se preocupou em adivinhar o que as pessoas estavam achando de vê-la ali; Jane a queria como madrinha e Marcos estava com ela, e isso era o que importava. Ela usou um conjunto de blazer e saia branco com listas pretas; as sandálias eram de salto plataforma não muito alto, mas mostravam que Aline quis mesmo arriscar. Foi inesquecível a sensação que sentiu ao atravessar o longo tapete! A menina fez bonito e, durante a festa, as irmãs a

envolveram num longo abraço, fazendo Aline sentir que não eram apenas irmãs, mas amigas.

Um mês depois do casamento da Jane, o casamento de seus pais chegou ao fim. Ainda imatura, Aline não percebia as camadas flageladas do relacionamento. Para ela, fazer compras num sábado de manhã sem brigas, significava que estavam bem e eram felizes. Na superficialidade de seu olhar, eles ficariam juntos para sempre, mas eles não estavam felizes, não sei se algum dia chegaram perto disso.

O mês era outubro e, na escola, a professora de artes

passou um trabalho para o qual os alunos teriam que criar um mundo. Aline teve a ideia de apresentar seu mundo na fisioterapia e falar um pouco sobre preconceito. Conversou com sua fisioterapeuta Tatiana, que prontamente a atendeu, e no dia marcado, levou a grande bola vermelha que Aline amava e alguns aparelhos portáteis.

Ao lado da minha versão adolescente, Tati falou sobre as causas da Paralisia Cerebral e contou um pouco do tratamento. Ela fez uma palestra envolvente e dinâmica, prendendo a atenção de quarenta alunos e para finalizar a apresentação, Aline havia

escrito e protagonizou uma peça, onde Jane, que sempre foi boa em ironias, lhe entrevistava para uma vaga de emprego. Aline explorou o jeito irônico da irmã no roteiro e ficou extremamente orgulhosa ao ouvir risos da plateia. No final da peça, Aline disse para a "entrevistasora" que iria embora de cabeça erguida, pois iria vencer o preconceito dia após dia, mostrando sua capacidade e seu valor.

Os olhos da Aline brilharam ao ser aplaudida de pé pela plateia, olhando fixo para o menino de quem estava gostando, acreditando que, ao menos em sua turma, o

preconceito havia ficado para trás.

Estranhamente, foi quando seu tormento começou.

Passado o recesso de fim de ano, com exceção de dois ou três alunos, a turma era a mesma. Aline e o garoto da fileira ao lado passaram a trocar cada vez mais olhares e no segundo bimestre, acabou acontecendo: eles se beijaram no pátio.

Alguns alunos da classe os viram, começaram a rir e fazer cara de nojo. Aline ficou arrasada, seu "admirador" apenas abaixou a cabeça e saiu envergonhado.

Naquele dia, depois do almoço, Aline foi para seu quarto, fechou as cortinas

para simular que iria tirar um cochilo e chorou, chorou muito, porém baixinho.

Suas lágrimas molhavam o travesseiro e, pela primeira vez, Aline se fez a seguinte pergunta: "Onde está Deus?"

Nas semanas que se seguiram, o olhar de desprezo de alguns alunos daquele grupo só aumentou.

O garoto que tinha beijado Aline, estranhamente, ficou popular e passou a andar com algumas das meninas da sala. Constantemente, Aline sentia sobre si olhares carregados de raiva daquelas meninas, uma raiva beirando ao ódio, porém o garoto confuso, mesmo de longe, a olhava com amor.

Minha versão adolescente passou a reparar seu reflexo no espelho, viu o montinho de saliva que ajuntava no canto de seus lábios toda vez que falava, por mais que se esforçasse, não tinha o controle sobre a própria saliva. Ela compreendeu por que os alunos fizeram cara de nojo, simulando estarem com ânsia.

Como se colocasse óculos para se enxergar melhor, Aline passou a entender seus algozes e nunca mais foi a mesma.



Capítulo oito:

O abismo é frio e solitário



Nos últimos dois anos do ensino médio, Aline passou a ter fortes dores nas costas, devido a ficar muitas horas na mesma posição. Suas costas doíam de tal maneira que até a camiseta lhe incomodava.

Ela passou a usar almofada no encosto da carteira para aliviar a dor. Ao chegar em casa, Aline almoçava e ia para a cama, passava suas tardes deitada no quarto, no escuro, não apenas por causa da dor nas costas, mas também pela vergonha de confessar que desenvolvera, desde o episódio do beijo na escola, a sombra do medo de causar repulsa nas pessoas, algo que seguia lhe assolando. A

dor em seu coração era tão real quanto a dor nas costas.

A menina que antes costumava andar com Deus, agora chegava a duvidar de sua existência. Não via milagre algum acontecer, vendo o tempo passar e seu reflexo no espelho permanecer o mesmo. A jovem portadora de Paralisia Cerebral, estava constantemente se perguntando:

— Onde está Deus?

— Por que comigo?

— Cadê sua misericórdia e bondade que tanto acreditei?

Agora, a criatura estava constantemente questionando seu criador, essa revolta lhe causou uma

dor permanente e insuportável.

Os seus algozes estavam livres, transbordando saúde, plenos. Será que Deus realmente estava ao seu lado quando sofria zombaria? E se estava, por que não fazia absolutamente nada?

Com os seus pensamentos em erupção como um vulcão e os questionamentos persistentes a atormentando, Aline sentia-se envergonhada por ter acreditado tanto tempo em um milagre que jamais aconteceu; além disso, também sentia vergonha de sua aparência. Usando a dor nas costas como "desculpa", ela seguia evitando conversar até mesmo com os

irmãos. A deficiência havia se tornado um fardo pesado e angustiante. Aquelas pessoas transbordando saúde tinham tempo para se preocupar com a quantidade de saliva que havia em seus beijos... É como funciona a justiça divina — alguns recebem tudo e sentem-se no direito de pisar nos menos favorecidos.

Foi num misto de dor e desespero que a encontrei em meados de 2006, sentada no chão, segurando os joelhos junto ao peito. Entrei em seu quarto escuro e me sentei ao seu lado; as janelas permaneciam fechadas mesmo sob os protestos de Dona Raquel.

Respiro fundo, procurando as palavras certas, senti-me impotente.

— Bullying! — Falei, por fim, rompendo o silêncio. — No futuro, esse será o nome dado aos episódios que sofremos na escola.

— Quantos anos você tem?
— pergunta ela, olhando fixo para o escuro.

— Estou com 30 anos. — Respondo, sentindo o coração acelerado e as mãos suando.

— Deus não me curou, coisa nenhuma! Ao contrário, você tem bem mais espasmos agora!

— Tem razão, Deus não nos curou da Paralisia Cerebral, mas Ele nos cura todos os dias! — Falo com firmeza e

prossigo — Só assim
conseguimos sobreviver
nesse mundo!

— Engraçado! Não me sinto
nada curada! — replica a
menina com lágrimas
escorrendo em seu rosto.

Era inútil tentar
argumentar sobre qualquer
coisa naquele momento; sua
amargura havia tomado
todos os espaços, então
ficamos em silêncio por
horas. Sabia que ela não
queria ser consolada, nem
mesmo ouvir que tinha
motivos para ser grata, por
isso havia se afastado do
Marcos. Afinal, o que ele
falaria para ela continuar
lutando?

Aline simplesmente não
queria lutar. Sempre recebia

as pessoas com um sorriso no rosto, sem se dar conta de que, quando sorria, a saliva horrível no canto da boca ficava ainda mais visível.

No dia seguinte, Aline acordou quase na hora do almoço e custou a acreditar quando ouviu sua mãe dizendo:

— Seu "amigo" veio lhe visitar, ele vai se mudar essa noite.

Numa fração de segundo, um turbilhão de emoções a envolveu e pensou consigo mesma: “O que ele podia querer? Talvez quisesse se despedir, mas por que precisaria se despedir?”

Anos depois, o primeiro amor de Aline a procurou

pelo Facebook, pedindo perdão, pois sabia o quanto a fizera sofrer. Ele tinha um bom coração, sobre isso Aline não havia se enganado.

No último ano de ensino, Aline ganhou um presente muito especial. Sua professora de matemática realizou uma vaquinha para comprar um notebook para a menina estudar Direito com melhores condições.

A campanha movimentou professores, alunos e funcionários; todos ajudaram na divulgação e se envolveram completamente, acreditaram que a menina fosse capaz e principalmente a amaram de maneira sincera e linda.

A menina falou sobre a vaquinha em outras classes, na sala dos professores e até mesmo no período da noite. Fizeram algumas reuniões; a jovem falava do seu amor pelo Direito, que tinha consciência da dificuldade que teria para ser eloquente com as pessoas, mas lutaria com todas as suas forças para realizar esse sonho.

Aline sempre foi péssima em matemática; os números eram fantasmas lhe assombrando a cada fim de bimestre, mostrando seu desempenho ruim na matéria. Foi maravilhosamente estranho sentir que a professora lhe enxergava além das notas vermelhas no boletim.

Alguns meses depois, o notebook foi entregue à menina que sonhava em discursar no Tribunal do Júri.

Em sua imaginação, sempre esteve em pé, com gestos leves, defendendo sua tese sem uma única gota de saliva no canto da boca — uma vida perfeita, um final feliz com ar de recomeço, a deficiência tinha ficado para trás.

Aline esperou por esse final feliz, esperou, esperou e esperou... Até perceber que, enquanto esperava, o tempo estava passando, a vida já estava acontecendo.

Ela jamais acordou numa manhã ensolarada, sendo capaz de correr pela casa.

Aline também não se deu conta de que o maior dos milagres é respirar, é cativar os amigos. Demorou muito tempo para perceber que viver é um presente formidável e que uma filha jamais pode questionar a vontade de Deus Pai Todo-Poderoso, pois esse é um caminho perigoso, solitário e sem volta.



Capítulo nove:

Prefiro estar do lado de cá



Alguns anos depois de concluir o ensino médio, Aline desistiu do sonho de fazer Direito devido a alguns revesses da vida. A menina sonhadora não foi para a faculdade; continuar viva ocupou todo seu tempo. Problemas de saúde e nas relações a fizeram ter depressão durante anos.

Em 2010, Aline conheceu um rapaz com distrofia muscular; ele movia apenas o tronco, mas tinha uma fé inabalável em Deus. Os dois se conheceram por meio de uma amiga em comum e no segundo encontro, Aline foi pedida em namoro. Às vezes, ela ia à igreja que ele congregava, mas se sentia distante de Deus e de tudo

que tinha acreditado por tantos anos.

Minha versão jovem sentia-se frustrada com a ausência de qualquer amargura no rapaz sorridente, sempre deixando a namorada sem apoio algum em sua revolta.

Aline passou a se lembrar constantemente das crianças da clínica de reabilitação, das pessoas deficientes que conheceu ao longo da vida, a pensar em sua prima deficiente visual que também não havia sido curada.

“Por que tanta gente?”

Foi o que Deus havia dito na praia, mas Aline enxergava sua dor e nada mais.

Entre términos e reconciliações, o namoro durou pouco mais de um ano. Os dois tinham temperamento difícil e para Aline, sempre foi angustiante ver a rotina do homem que amava, vê-lo sem autonomia de tirar a blusa sozinho ao sentir calor. Era um sofrimento que uma mulher de vinte anos não conseguiu suportar, e um dia o término foi definitivo.

Os dois jovens seguiram caminhos diferentes, conversaram algumas vezes pelo Facebook e foi pelo Facebook que Aline ficou sabendo da sua morte na véspera do seu aniversário de 29 anos.

Era impossível imaginar o mundo sem ele, seu sorriso se apagou e ela jamais comemorou seu aniversário da mesma forma, pois era também o aniversário de sepultamento da primeira pessoa que a fez sentir-se digna de ser chamada de "Futura Esposa".

Com o passar do tempo, o choro deu lugar à paz. Aline gosta de o imaginar correndo descalço no jardim junto de Deus e deseja "merecer" o céu também.

Busca viver um dia de cada vez e ser grata, grata por acordar pela manhã, grata por ter uma certa autonomia em relação à sua higiene pessoal. Isso mesmo, hoje Aline toma banho sozinha e

é grata por jamais ter
quebrado um osso em suas
inúmeras quedas no quintal.

Certa vez, Aline estava
descendo as escadas da
estação de trem com seu pai,
quando se formou uma
pequena multidão atrás
dela. Por mais que se
esforçasse, seus passos
lentos travavam as pessoas.

Logo começou a ouvir
sussurros de reclamações
devido à demora da menina
em descer as escadarias.

Aline olhava para o pai,
aflita, lhe pedia para fazer
alguma coisa e aquele desejo
de se transportar ainda
existia em seu coração e
acho que sempre existirá.

Quando terminaram de
descer a escada, viram que

não havia um único trem em toda a plataforma e as pessoas continuaram esperando.

Um rapaz se aproximou da menina, segurou no braço esquerdo do pai de Aline e foi dizendo:

— É muita falta de sensibilidade as pessoas ficarem reclamando, ainda se tivesse algum trem na plataforma, tudo bem, mas não tem!

Aline se perguntou se ele realmente achava que estava ajudando.

— Então, se tivesse trem, eu deveria sair voando? — disse em pensamento, mas sua cara estava transbordando seu aborrecimento; deve ter sido

isso que fez o rapaz logo se afastar.

Aline permaneceu em silêncio na volta para casa, ficou triste com aquela situação. Porém, naquele momento constrangedor, percebeu que não queria estar do outro lado da escada, não queria ser uma pessoa "normal" reclamando da demora de alguém com mobilidade reduzida e teve a estranha sensação de estar no lado certo dos trilhos da vida.

Esse episódio na estação foi uma espécie de recomeço para minha versão adolescente. Vivendo um dia de cada vez, ela buscou o equilíbrio que nunca teve, não queria ser uma rebelde

sem causa, mas também já não queria ter a essência da criança se culpando por estar triste, por não andar sozinha, mesmo sabendo dos meninos e meninas morrendo de fome e dormindo ao relento. Precisava aprender a respeitar seus momentos de tristeza, entender que era humana.

Aos poucos, foi se levantando, começando por se aceitar sem vergonha, sem reservas. Deus pode tudo, mas talvez não queira realizar o milagre de curar suas pernas; no entanto, Ele realiza milagres todos os dias, curando as feridas e impedindo que ela caia na armadilha da inveja das

peessoas andantes,
encorajando-a a se amar,
pois seu corpo é o templo do
Espírito Santo.

Minha versão adolescente
tentou se tornar uma ateia,
mas não conseguiu; ela teve
uma base cristã intensa e
fundamentada. A teoria de
estarmos nesse universo por
conta própria não fazia o
menor sentido para ela, por
mais que quisesse duvidar
da existência de Deus.



Capítulo dez:

Anjos disfarçados de
humanos



Fisioterapeutas

São anjos disfarçados de humanos

Com semblante sereno, nos estimulam a tentar mais uma vez.

Acompanhando nossos passos lentos, nos pedem calma, só pedem o que podemos dar.

Acordam todos os dias dispostos a se doar.

Simplesmente amam amar
Sempre a nos lembrar que vale a pena outra vez tentar
Trazendo leveza aos nossos dias, transformando em versão o que tínhamos por obrigação.

Comemorando nossas conquistas, pois também são suas.

Com os fisioterapeutas
aprendemos que abraço
cura, sorrisos curam,
aprendemos que a gratidão
pelo fôlego de vida, cura as
feridas da alma.

Com amor, vão nos
ensinando como somos
maiores que nossas
dificuldades.

Se alegrando por cada
passo, nos olhando, nos
amando.

Mostrando-nos que nossa
essência é a persistência.

Mostrando-nos que o
caminho é difícil, mas
também é prazeroso.

Anjos disfarçados de
humanos, a materialização
do amor de Jesus por nós.

Em 2021, a humanidade estava juntando os cacos do vulcão chamado "Covid-19". O mundo que conhecíamos foi se desfazendo lentamente; nos noticiários, a palavra "corpos" era pronunciada a todo momento, igrejas e escolas foram fechadas, colapso nos hospitais, impossibilidades do pai de família trabalhar, ruas desertas.

Durante o isolamento social, me afundei nas séries de TV, na tentativa de simplesmente não pensar, vivendo o luto pelo meu ex-namorado. Foi um luto mais por mim do que por ele, que estava num lugar melhor, sem deficiência, sem

cadeiras de rodas, sem luta por acessibilidade.

Também vivia o luto por decepções com pessoas que julguei serem "amigas", que, mesmo sabendo o quanto me feriram, jamais me acharam digna de ouvir a palavra "desculpa". De algum modo, o isolamento social foi um alívio para o meu coração tão remendado. Mais uma vez, usei o sono para anestesiar a dor.

Após o governador de São Paulo, João Doria, decretar o fim do isolamento social, comecei a fazer terapia; foi necessário e doloroso remexer em algumas feridas.

No primeiro ano de tratamento, falei muito

sobre a "Morte" de algum modo. Partir desse plano significaria libertação, ser liberta do meu próprio corpo, de ensinar que não sou inferior porque preciso de ajuda, já não fazer parte da luta por acessibilidade, pois enfim, estaria correndo em um lugar bem melhor.

Jamais pensei em suicídio, mas aquele desejo de dormir depois do almoço e nunca mais acordar, dia após dia, ecoava pelo meu ser.

Invejava aqueles que partiam, assim como sempre tive inveja dos pássaros que brincam de ciranda-cirandinha na superfície do céu; pareciam-me livres, completamente livres. Não sei se um ser humano

honrado possui tal
sentimento, mas para mim,
sempre foi impossível não
sentir inveja deles.

Foram anos de conversas,
choro e reflexões, trilhando
os caminhos do
autoconhecimento,
remexendo também nas
Cicatrizes da fé, sempre
buscando levar o assunto na
"brincadeira", mas durante a
terapia descobri que não
teve nada de engraçado no
fato de não ser aceita como
Deus havia me criado.

Quanto às igrejas, hoje
percebo um
amadurecimento, me sinto
acolhida e respeitada, como
sempre deveria ter me
sentido na casa de Deus.

Paralelo à terapia e ao antidepressivo que passou a fazer parte da minha rotina, a Jane me levou para conhecer o Studio de Pilates Eliana Barreto, que uma amiga havia lhe falado. Logo de cara, gostei da atmosfera do lugar, um ambiente leve e agradável, o rádio sintonizado na Alpha FM, minha estação preferida desde a adolescência.

Em pouco tempo, estava chamando a nova fisioterapeuta de Lia e lhe contando meus segredos; parecia que nos conhecíamos havia anos. Como não conseguia fazer os exercícios usando a máscara, a Lia me encaixou em um horário em que

ficávamos a sós no Studio,
conversando sobre a vida,
rindo, com ela me propondo
desafios, gravando meu
desempenho. Ela é uma
mulher de muita fé,
transborda gratidão,
espalhando esperança e
amor.

Eu já não verbalizava
amargura e revolta, pois
meu temor havia renascido,
porém ainda trazia comigo
uma tristeza pelo que sou e
principalmente por quem
poderia ter sido. Aos poucos
percebi que queria ser uma
pessoa grata de novo, grata
pelo simples fato de acordar
todas as manhãs, grata por
minha família, grata pelo
sol, pela chuva. Sonhava em
andar descalça pelo paraíso,

mas enquanto estivesse
viva, queria estar em paz
com Deus, com minha
trajetória e comigo mesma.
Fui me levantando
lentamente, tinha vontade
de ser uma pessoa melhor,
mesmo tendo cicatrizes,
resolvi viver um dia de cada
vez, decidi sorrir na direção
daqueles que amam meu
sorriso.

Como uma pessoa ex-
viciada em álcool ou outras
drogas, vivo um dia de cada
vez. Fui uma criança que
não se permitia estar triste
por achar que tinha que ser
forte o tempo todo, fui uma
adolescente incrédula e
amarga, hoje sou uma
mulher buscando o
equilíbrio. Busco respeitar

meus momentos de tristeza,
sem me sentir culpada por
estar agredindo minha fé,
busco trazer leveza aos
meus dias, pois o extremo
consegue ser um fardo
ainda mais pesado do que a
deficiência.

Depois de alguns meses, a
psicóloga sugeriu que eu
pudesse ser acompanhada
por uma fonoaudióloga. Tive
um desempenho fabuloso
nos primeiros meses,
conseguiu fazer a maioria
dos exercícios, me
esforçando naqueles em que
tinha mais dificuldade. Meu
objetivo era melhorar a fala,
pois em termos de qualidade
de vida, meu quadro estava
estável, comia de tudo, bebia
líquido novamente, isso é,

no meu normalmente,
sempre no meu ritmo,
embora, me cobrasse para
ser pontual e por vezes,
comesse um tanto rápido
antes de algum
compromisso.

O objetivo era ter um
acompanhamento de rotina;
depois de passar tantos
meses dentro de casa,
jamais imaginávamos o que
estava por vir.

Eu, ele e a poesia

Você é meu sonho
Pareceu um sonho
Quando te conheci
É daquele sonho que
Não quero mais acordar
Sonho tão bom, tão gostoso,
que é impossível
Despertar
Vivo esse sonho com você
Meu amor, tirando a dor
Te não amar alguém
Agora amo você
Meu pedacinho do céu
Que me fez voar, flutuar
com esse amor
Você é meu mozinho
Meu moção,
Porque sem o seu amor
Não dá pra ficar não
Você me chama de meninão
Porque sou seu menino

Que me ensinou a amar
De verdade, sem vergonha e
sem vaidade

Obrigado Aline Rebecca
Por seu amor, te amo de
montão

Do fundo do meu coração

Joelson Souza de Souza

Aquela que já provocou repulsa em alguns, hoje é amada, chamada de linda, maravilhosa, fantástica.

Sou admirada, cortejada, ouvida, mimada.

Em 2021, conheci um amor intenso, porém, leve, descontraído e firme.

Descobri que amar e ser amada é viciante.

Foi em uma quinta-feira, no dia 25 de março, estava passando tempo no Facebook, esperando a hora da minha consulta com a fonoaudióloga, quando entrei na página "Além da deficiência" e sem querer cliquei em um link que me levou ao WhatsApp do administrador. Li seu nome, 'Joelson Souza', e também

reparei na foto do perfil, um sorriso largo, um olhar marcante...

Sem pensar direito, digitei:
"Oi, vi sua página, achei muito interessante!"

E saí para a consulta, mas aquele sorriso ficou em meus pensamentos durante os exercícios e uma sensação agradável, completamente sem sentido, que me invadia.

Era apenas uma quinta-feira como qualquer outra, uma consulta com exercícios difíceis para tentar fazer movimentos com a língua, tudo completamente igual, mas sentia-me feliz, ansiosa para chegar em casa e ver se o rapaz de sorriso fácil, iria responder.

Ele havia respondido alguns minutos depois do meu comentário, à noite, conversando por horas. Falamos sobre a página, o tempo, a luta por acessibilidade, falamos sobre fé, parecíamos dois amigos de infância.

No dia seguinte, queria mais daquela atenção, mas não o chamei; ele também não me chamou.

Fiquei lembrando da nossa conversa e torcendo para que pudesse se repetir.

Na manhã seguinte, ele me chamou com um "Bom dia, você está bem?" Foi a primeira de centenas de vezes que estava adivinhando minha vontade e novamente tivemos uma

conversa agradável,
interessante e desde então,
não passamos sequer um dia
sem nos falarmos. Fiquei
encantada ao saber que ele
havia escrito um livro de
poesias; li seu e-book
transbordando ternura e
sede de amar.

O poeta foi chegando
devagar, não era como os
rapazes invasivos, curtindo
vinte e cinco fotos minhas
logo depois da primeira
conversa, o que me deixava
irritada e assustada. Ele
sabia se aproximar sem
invadir, fomos nos
conhecendo...

Fizemos algumas chamadas
de vídeo, seu jeito de me
pedir em namoro, foi me
perguntar:

— Posso chamá-la de amor?
Pareceu insensato namorar
virtualmente, mas a
sensatez à minha espera é
chata e solitária, então me
joguei nos braços da
felicidade, me joguei sem
medo, sem reservas, pois o
amor era a brisa suave no
meu deserto.

Moro em São Paulo, meu
amado mora em Belém do
Pará e nossa conexão
transcende a distância;
somos capazes de adivinhar
o pensamento um do outro.
Seu jeito de amar me
conquista todos os dias, me
encanta e vicia.

É difícil explicar, mas não
tem nada de virtual no
nosso amor.

Amor além do toque

Não conheço seu toque
Mas conheço sua essência
Sonho com seu abraço,
Mas sinto leveza em cada
palavra
Me cativou suavemente, me
encantei de repente
Com você, vivo o amor que
só via nos filmes
Meu amor, melhor amigo e
confidente
Nosso amor me faz valente
Como você, sou mais
sorridente

Em agosto de 2022, ganhei um presente maravilhoso do meu amor, um livro intitulado 'A princesa dona do meu coração', tendo minha participação. Escrevi um poema e um conto sobre dois pássaros sem asas, descobrindo que estar perto de quem amamos é ter um pedacinho do céu.

Meu amado realizou meu sonho de ver meus textos publicados.

Alguns meses depois, o Joelson lançou seu livro digital na versão física. Seu livro 'Queria voltar no tempo' também contou com a minha participação, tendo meus poemas e contos preferidos como bônus.

É inexplicável a emoção que sinto ao ver meus poemas nas páginas de um livro.

Confesso que fiquei enciumada, pois o Joelson havia escrito os poemas pensando em outras garotas, em amores que não deram certo. Porém, meu amor disse que me recompensaria; ele cumpriu sua promessa com grandeza, escrevendo sobre nosso amor na contracapa e logo o ciúme se foi. Eu estava amando e sendo amada, vista como sempre desejei... Uma princesa.

Gostamos dos mesmos filmes, das mesmas músicas e do mesmo sabor de pizza (frango com Catupiry). Nas poesias, gostamos de falar

sobre liberdade, igualdade,
amor ao próximo; também
amamos falar sobre a nossa
conexão completamente
revestida de um amor
sincero e singular, difícil de
se encontrar.

Meu amado, também é
portador de Paralisia
Cerebral, gosto de amar
alguém que sente minhas
dores e não se assusta com
minhas cicatrizes. Amo amá-
lo. Aos poucos fui
percebendo que a Paralisia
Cerebral não precisa ser a
personagem principal da
nossa história.

Somos os únicos
personagens desse romance,
sou sua princesa, a mulher
que imagina entrando na
igreja de vestido de noiva,

sou quem ele quer ao lado
nos dias felizes e sou o
abraço que ele deseja nos
dias difíceis.

Juntos escrevemos um
poema para celebrar essa
história de união, amizade e
amor. Cada um escreveu um
trecho e o resultado é essa
sintonia perfeita.

Permita-me

Permita-me te amar
Sem reserva, sem limitações
Porque o amor não espera,
tem que ser vivido
sem preconceito, sem
capacitismo
Porque o amor não espera...
Permita-me te amar,
nossos sonhos conquistar
e um só caminho trilhar
Pois sozinho não posso
ficar, preciso de alguém
para ser meu par e na chuva
te tirar pra
dançar
E se nenhum ser for capaz
de compreender
nosso ritmo
Não vou parar de dançar
para explicar.
Dançar a vida como ela é

Sem sentir vergonha
Vergonha de querer
O que eu quero é amar você.
Permita-se amar e se
entregar sem culpa, sem
medo, sem segredo
Só se permita amar sem
preocupação, sem receio
Porque no amor não existe
medo
Quando ele é verdadeiro

Joelson Souza e Aline
Rebecca

Já vivi outros relacionamentos, mas nada se compara ao que tenho com o Joelson.

A admiração e o respeito são os pilares do nosso relacionamento; parece que conhecemos os pensamentos um do outro. Apaixono-me a cada dia; ele é extremamente doce com as palavras, romântico e gentil, a pessoa que sempre quis encontrar para amar.

Não vou morrer sem conhecer o AMOR paciente, que tudo suporta, tudo espera...



Capítulo onze:

O que vejo da vida



Foi um longo caminho de aprendizado e descobertas; em um processo doloroso, troquei o baú de fantasias e decepções por uma mochila pequena, onde levo apenas o necessário.

A Aline andando sozinha pelas ruas, grávida, usando um lindo vestido estampado com flores pequenas e delicadas, ou o garotinho sorrindo, falando "mamãe" e vindo na minha direção, são fantasias desse baú que guardo em um sótão que visito às vezes, mas já não moro por lá.

Não deixei de acreditar em milagres, só vejo milagres de um jeito diferente agora. O milagre está em cada sorriso de um amigo, está

no sol, no choro, em cada
respirar, está nos
corredores de hospitais
quando alguém se nega a
sair do nosso lado, milagre é
quando a saliva segue seu
curso, milagre é viver sem
permitir que esse mundo
crie crosta em nosso
coração, milagre é ter a
chama da esperança viva.

Não culpo meu pai por
absolutamente nada, peço-
lhe que faça o mesmo, pois
foi conveniente acreditar
que era bobeira dedicar-se à
fisioterapia. Não me
abstenho dos meus erros.

Como um ex-viciado em
drogas, vivo um dia de cada
vez. Fui uma criança que
não se permitia ficar triste
por achar que seria falta de

fé, fui uma adolescente
incrédula no amor de Deus
pelos seus filhos, hoje sou
uma mulher buscando o
equilíbrio e a remissão dos
pecados.

Respeito meus momentos
de tristeza, pois acredito
que a depressão não tem
cura, mas certamente tem
tratamento e esse
tratamento chama-se
gratidão, escolhendo ser
grata a Jesus por tudo e em
tudo.

Houve um tempo em que
sentia inveja dos pássaros.
Sentada em uma cadeira de
plástico no quintal,
observava-os atentamente
enquanto eles pareciam
brincar de ciranda-
cirandinha. O significado de

liberdade ia se desenhando
diante dos meus olhos, um
contraste de alegria e
tristeza ia inundando
lentamente a alma.

Mas por que a tristeza?
Tristeza por não ser como
eles, admiti a mim mesma
que aquela tristeza era, na
verdade, inveja. Como senti
inveja dos anjos que
costumava chamar de
amigos, agora eles estão
andando descalços e eu
ainda falando de
acessibilidade.

Jamais conheci alguém que
considerasse os mortos mais
sortudos do que os vivos,
então, me apaixonei pelos
amigos, apaixonei-me pela
ousadia de estar deitada na

cama escrevendo um poema,
sentindo-me livre.

O baú está no sótão, o peso
do que não consegui ser,
também está longe, longe de
mim.

Sei que o Joelson me achará
linda mesmo que jamais me
veja grávida, sei que,
embora jamais conheça a
maternidade, conheço o
amor.

Aquela menina alegre por
estar na escola, ainda que
não pudesse brincar de
pega-pega com as amigas,
vive dentro de mim. Ela
simplesmente renasceu e
continua me ensinando a
ver o copo meio cheio e
AGRADECER.

Procuro tentar melhorar
como ser humano, honrar a

missão que Deus me deu.
Hoje sou uma pessoa
reclusa, me respeitando
quando não me sinto à
vontade para comer em
público ou estar em algum
lugar. Costumava confundir
se preservar com ser
orgulhosa e me submetia a
situações que me
machucaram. Claro que,
entre pessoas que conhecem
o significado do verso "Ame
o próximo como a ti
mesmo", sinto-me
completamente à vontade e
sorrio, simplesmente sorrio.
O sorriso é calor que aquece
os escombros da alma.

Reencontrando as meninas

Encontro-me com elas em meu antigo quarto; absolutamente tudo permanece igual. Busco me comunicar com elas, mas não é um diálogo muito fácil.

A Aline criança fica inquieta com a música do Legião Urbana tocando no rádio da Aline adolescente, que recorda o que tem passado na escola, revirando os olhos cada vez que minha versão criança fala para desligar o rádio, pois música é pecado.

Me pego sorrindo, me perguntando por que nunca houve um equilíbrio em mim, quando minha versão

adolescente interrompe a breve reflexão dizendo:

— Semana chata, escola chata, vida chata!

— Ah! Não pode ser tão ruim assim! — replicou Nina, penteando o cabelo de uma de suas bonecas.

— Não percebeu nada de errado na Aline adulta, né, sua tonta?

— Vamos parar com essa discussão! — Falei com medo do que estava por vir.

— Você tem quantos anos, Line? — perguntou-me a menina, reparando em todo o meu corpo. Aquela pergunta foi como um soco na boca do estômago; mais assustador do que ver a Nina sonhando com a tão

esperada cura, era vê-la descobrir a verdade.

— Tenho trinta e cinco anos, Nina. Estou chegando aos quarenta! — Falei como se quisesse arrancar o bandaid de forma rápida e definitiva.

— Hum, sei... Que pena. Mas tudo bem se formar aos quarenta anos, pensei que o milagre aconteceria mais rápido e...

— Deixa de ser boba uma vez na vida! — Minha versão adolescente falou, aos gritos, e completou: — Olhe para ela, esses espasmos! Já pensou como será seu discurso no Tribunal do Júri?

Tinha me esquecido o quanto fiquei irritante na puberdade.

Nina me olhou decepcionada; aquele olhar penetrante me trouxe pavor e angústia.

Então, a garotinha começou a chorar compulsivamente.

— Nina, olhe para mim, respire fundo. Não queria deixá-la assim, me desculpa! — disse a adolescente inconsequente, olhando na minha direção.

— Meninas, olhem para mim. Não temos o que queremos, mas temos tudo o que precisamos. Somos amadas pela nossa família e por nossos amigos. Foi bom não ter tido filhos, nosso

bichinho virtual morre toda semana!

Elas sorriram e aos poucos, Nina foi se acalmando.

Prossegui, dizendo:

— Aline, o garoto da escola gostou da gente de verdade, só não teve forças para enfrentar a zombaria.

Seremos escritoras, vamos nos encontrar nas palavras, através da poesia conheceremos a liberdade, vamos voltar a amar nosso sorriso e encontraremos pessoas que vão amá-lo também.

Agora, mais calma, esboçando um leve sorriso, minha versão criança falou baixinho:

— Mas Deus não nos curou!

— Quem disse que não? —
indaguei e continuei —
Temos uma missão, um
caminho árduo, mas
também há flores ao redor,
reaprendendo a amar nosso
sorriso escandaloso, nosso
reflexo no espelho e os
momentos com familiares e
amigos, pois são valiosos
demais.

Ah! Eu ainda não me casei,
mas há alguém que até
acordado sonha em me ver
vestida de noiva, me diz o
quanto sou linda.

— Você “estamos”
namorando? — pergunta
minha versão adolescente.

— Estou amando e sendo
amada. O amor cura e logo
irá perceber que o céu pode

esperar, pois estar
apaixonada é bom demais!
Amo assistir a filmes,
maratonar séries, cuidar
apenas de mim mesma e
meu namorado não me
admira menos por isso.
Vamos ficar bem, meninas,
vamos ser felizes do nosso
jeito.

Liberdade

A procurei no céu, na brisa,
no mar, em todo lugar
Tentei lhe desenhar, para
conseguir lhe tocar
Que cheiro você terá?
Qual cor lhe embala?
Talvez já me abraçou, mas
comigo não ficou
Pois sou como uma árvore,
você é como uma borboleta
Sempre sobrevoando, ora ou
outra pousando sobre mim,
em terra firme preciso ficar
Continuo a lhe admirar,
mas hoje também admiro
meu lugar, onde o Criador
me colocou. Quero fincar
raízes e firmar, da minha
missão não posso me
queixar, mesmo que a

vontade seja nos braços da
liberdade voar.

Fim.

Com amor, Aline Rebecca.



Aline Rebecca, autora dessa obra, reabre o baú do passado para explorar motivações e sentimentos, mesclando ficção e realidade. A narrativa é apresentada pelas perspectivas da Aline criança, de sua versão adolescente até chegar na narradora adulta.

A obra aborda profundas emoções vividas, sonhos de aceitação, de sucesso e desafios, como a superação da dificuldade de falar e a FÉ distorcida na adolescência. Aline convida o leitor a conhecer sua emocionante história de descoberta e redenção, levando a uma jornada profundamente humana e reflexiva ao abordar o tema da paralisia cerebral sob a visão de quem vive essa experiência promovendo uma forma poderosa de empatia, compreensão e amor.



ABarros
editora
Inclusiva

www.abaroseditora.com